

Recordando Winston Churchill em Washington ¹



João Carlos Espada
Diretor do Instituto de Estudos
Políticos da Universidade Católica
Portuguesa, Lisboa.
espadajc@gmail.com

"Estamos embaraçados com esta campanha e preferimos não ter de falar sobre os candidatos": esta foi a comum resposta que ouvi de Republicanos e Democratas durante a Conferência Churchill em Washington.

"Perante a atual campanha presidencial, não seria altura de os americanos se converterem à monarquia constitucional que Winston Churchill sempre defendeu?" Esta pergunta foi recebida por uma gargalhada geral na **33ª Conferência Internacional Winston Churchill** que teve lugar em Washington, D.C., no Hotel Mayflower, no final da semana passada. Uma gargalhada ainda mais retumbante saudou a surpreendente resposta do orador britânico, Sir David Cannadine: "receio que essa seja uma boa pergunta a ser colocada aos eleitores americanos".

Este episódio exprime dramaticamente a atmosfera que encontrei em Washington na semana passada, quer entre Republicanos quer entre Democratas — ainda que todos eles fossem civilizados admiradores de Winston Churchill. "Estamos embaraçados com esta campanha presidencial e

¹ Artigo publicado no jornal **Observador** de Lisboa, em 31-10-2016.

preferimos não ter de falar sobre os candidatos” — esta foi a comum resposta que ouvi de Republicanos e Democratas. Alguns, mas claramente não todos, acrescentavam: “apesar de tudo, votarei com o meu Partido”.

Absolutamente todos com quem falei, no entanto, quiseram enfaticamente acrescentar: “obviamente, aceitarei o candidato que sair vencedor” — uma óbvia referência condenatória da inacreditável saída terceiro-mundista do sr. Trump acerca da possibilidade de não aceitar a sua própria derrota.

Deve ser de novo sublinhado que todos os Republicanos e Democratas com quem falei, e têm sido muitos, eram participantes na Conferência Churchill acima referida. E todos pareciam aliviados por poderem escapar durante alguns dias para uma discussão civilizada sobre temas civilizados. O tema central era obviamente Winston Churchill, “half American and all British”, como foi frequentemente definido.

O que foi recordado sobre Winston Churchill não podia estar em maior contraste com a deplorável atmosfera intelectual e política que estamos a viver no Ocidente.

Churchill defendeu a democracia representativa parlamentar e nunca se lembrou de atacar a classe política ou os partidos políticos como um todo — um tique primitivo que na verdade sempre distinguiu as ditaduras dos países subdesenvolvidos.

Tendo sempre defendido a soberania do Parlamento, Churchill também sempre entendeu essa soberania no âmbito de um sistema de freios e contrapesos. O Parlamento britânico na verdade inclui duas Câmaras (uma delas não eleita). E articula-se com um Chefe de Estado não eleito que tem o dever de garantir as ancestrais regras de “fair-play”.

Finalmente, Churchill era um defensor das identidades e das soberanias nacionais e, ao mesmo tempo, do comércio livre e do institucionalismo multilateral. Isso mesmo foi

brilantemente recordado por James Baker III, no jantar de gala da Conferência Churchill na passada sexta-feira, no salão George Washington do Departamento de Estado.

Tendo servido três Presidentes americanos — Gerald Ford, Ronald Reagan e George Bush — James Baker sobretudo acompanhou o incrível período de consagração mundial da democracia ocidental após a queda do Muro de Berlim em 1989. E lembrou alguns dos pilares da democracia ocidental que os países saídos da Cortina de Ferro souberam abraçar.

Um desses princípios é que, em termos constitucionais, não há vários regimes à escolha. Há basicamente dois: a sociedade aberta ou a sociedade fechada, para usar as expressões de Karl Popper. Por outras palavras, a escolha é entre a democracia constitucional pluralista e a ditadura.

Uma das cruciais distinções entre democracia constitucional pluralista e ditadura é que na primeira coexistem e concorrem livremente entre si diferentes correntes políticas e filosóficas — diferentes e muitas vezes rivais. É nas ditaduras que existe uma e apenas uma corrente ou opinião autorizada, que é a oficial, a única boa, íntegra, autêntica e digna de respeito. Todas as outras são tratadas como inimigas, indignas, merecedoras apenas de desprezo e perseguição.

Só em democracia, por outras palavras, é que correntes rivais conseguem ao mesmo tempo discordar entre si e respeitar-se mutuamente. Daqui decorre que, em democracia, as diferentes correntes políticas podem discordar em tudo, menos numa coisa: o respeito pelas regras do jogo constitucional que garante a sua liberdade de existir e de discordar em tudo o resto.

As regras do jogo constitucional assentam por sua vez em regras não escritas que os pais tendem a ensinar aos filhos, mesmo nos dias que correm de vulgaridade triunfante. Era costume chamar a essas regras “cortesia”, “fair-play”, “honestidade”, “jogo limpo”, “cavalheirismo”. Foram essas regras que permitiram a Winston Churchill aceitar a derrota eleitoral de Julho de 1945, após ter vencido a guerra em

Maio do mesmo ano. Seria útil recordar hoje as velhas regras de cavalheirismo a muitos coléricos pseudo-políticos que atacam as nossas instituições e tradições democráticas.

Bernardino Gomes foi um cavalheiro da política portuguesa e euro-atlântica. Fundador do Partido Socialista em 1973, na Alemanha, foi sempre um defensor da democracia constitucional pluralista. Com Mário Soares e Maria Barroso, bem como com sua mulher Maria Renée, defendeu sempre a aliança com a grande democracia americana e recusou os radicalismos terceiro-mundistas de alguns socialistas. Foi também membro fundador da **revista Nova Cidadania**, em 1998. O seu exemplo e a sua memória perdurarão entre todos os democratas.